

A MULHER-SEM-CABEÇA
E O HOMEM-DO-MAU-OLHADO

MITOLOGIAS

GONÇALO M. TAVARES

A MULHER-SEM-CABEÇA
E O HOMEM-DO-MAU-OLHADO

MITOLOGIAS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

I

1. A Mulher-Sem-Cabeça – onde está ela?

A Mulher-Sem-Cabeça, o Labirinto, o Filho-Mais-Velho-da-
-Mulher-Sem-Cabeça, o Filho-do-Meio, o Filho-Mais-Novo

1. A Mulher-Sem-Cabeça – onde está ela?

A mãe avança sozinha, já sem cabeça, e procura os seus três filhos. Está no quintal, a cabeça foi cortada e o sangue que vai saindo traça um percurso, um itinerário que será fundamental para os três filhos a encontrarem. Porque a mãe quer encontrar os seus três filhos, mas está já sem cabeça – e assim não é possível.

A mãe sem cabeça corre no quintal e várias galinhas afastam-se, olham para cima e não percebem a forma daquele ser humano.

O quintal é grande e a mulher a quem cortaram a cabeça continua a avançar, passo a passo, como um ser humano a quem tivessem vendado os olhos. Parece a brincadeira infantil – a cabra-cega – mas àquela mulher não taparam os olhos com uma venda, cortaram a cabeça com um machado. Ela avança a chamar pelos filhos (mas por onde grita?) e subitamente percebe: está perdida. A Mulher-Sem-Cabeça está no que é certamente um Labirinto, e nesse Labirinto vai-se cruzando com os mais variados animais: cabras, porcos, galinhas, um cavalo – animais. Dois porcos copulam, mas a Mãe-Sem-Cabeça não vê.

Os três filhos entram no Labirinto e seguem o percurso da mãe através do sangue.

A mãe sabe que o sangue que vai deixando cair é a única maneira de, mais tarde, saber o caminho de regresso. Tem medo de sangrar demasiado, mas sabe que não pode parar de sangrar. Por vezes levanta a mão direita, leva-a ao que sobrou do pescoço, ao sítio de onde lhe arrancaram a cabeça, e recolhe um pouco de sangue, para depois o atirar de tempos a tempos para o chão, de forma a marcar o percurso. O cheiro do sangue é intenso, não será difícil depois voltar.

Mas os três filhos, lá atrás, à medida que chamam pela mãe, vão limpando o sangue do chão. O mais novo dos filhos é o último, é dele a responsabilidade de não deixar o mais leve vestígio do sangue da mãe. É uma vergonha, diz o Filho-Mais-Velho. Vergonha! – repete o do meio.

Chamam pela mãe, mas a mãe não ouve. Está sem cabeça, não consegue ouvir, pelo menos àquela distância. O estranho é que, mesmo sem cabeça, consegue gritar. Lá à frente chama pelos filhos; lá atrás os filhos ouvem algo e seguem o percurso do sangue.

A partir de certo momento a voz da mãe começa a ficar mais nítida. Os três filhos correm. À frente, o mais velho; lá atrás, o mais novo. Subitamente, mãe e filhos encontram-se. A mãe está sem cabeça, e o Filho-Mais-Velho grita, o do meio chora, o mais novo treme.

A mãe, mesmo sem cabeça, tenta acalmá-los. Pergunta-lhes se, no caminho, não viram a sua cabeça.

Eles respondem que não. Mas querem saber como tudo aconteceu.

- Como a cortaram? – pergunta o Filho-Mais-Velho.
- Quem a cortou? – pergunta o Filho-do-Meio.
- Porquê? – pergunta o Filho-Mais-Novo.

A mãe responde:

– Com um machado.

– Foi o pai.

– Porque queria ter mais espaço na cama.

Por momentos os três filhos não reagem, mas depois o Filho-Mais-Velho grita, o do meio chora, o mais novo treme.

Estando nisto, subitamente um forte raio estala por cima do Labirinto; a luz e o ruído são impressionantes.

Todos sentem medo e olham para cima, incluindo a mãe, que roda a parte do pescoço que ainda resta.

A mãe pergunta de novo:

– Viram a minha cabeça?

– Que tamanho tem? – pergunta o mais velho.

– Quanto pesa? – pergunta o do meio.

– Tem os olhos abertos? – pergunta o mais novo.

– Este – diz a mãe, simulando com as mãos acima do seu pescoço o tamanho exacto. – Mais de sete quilos. E sim, tem os olhos abertos. Se a minha cabeça vos vir, vai reconhecer-vos. Por favor, procurem-na – acrescentou ela.

De imediato, os três filhos viram costas e começam a correr à procura da cabeça. O Filho-Mais-Velho corre mais rápido, o do meio corre menos e o mais novo é o que corre mais devagar. O do meio olha para trás e ainda pensa em regressar para junto da mãe, mas, como vê que o seu irmão mais novo o segue, prossegue a corrida.

O mais novo olha para trás e ainda pensa em regressar para junto da mãe, mas, vendo que os dois irmãos mais velhos continuam a correr à sua frente, prossegue a corrida.

Vamos, vamos!, diz o mais velho, lá à frente. Vamos, vamos, diz o mais novo, lá atrás.

Os três correm três dias e três noites até que, ao quarto dia, no momento em que o sol se levanta, estão em frente à cabeça da mãe, que está no chão, no quintal. Em frente da cabeça da mãe apresentam-se:

– Eu sou o teu Filho-Mais-Velho.

Mas a cabeça da mãe não o reconhece.

– Eu sou o teu Filho-do-Meio.

Mas a cabeça da mãe não o reconhece.

– Eu sou o teu Filho-Mais-Novo.

Mas a cabeça da mãe não o reconhece.

Não são reconhecidos pela cabeça da mãe.

O Filho-Mais-Velho grita, o do meio chora, o mais novo treme.

Mas, depois da tristeza, ficam zangados. O mais velho insulta a cabeça da mãe; o do meio cospe-lhe, o mais novo dá-lhe um pontapé.

Abandonam a cabeça e decidem regressar ao Labirinto para procurar o corpo da mãe sem cabeça, corpo que os reconhecia.

Entram no Labirinto a grande velocidade, mas logo abrandam.

– É por aqui – diz o mais velho.

– Não, é por aqui – diz o do meio, apontando para outro caminho.

– É por aqui – aponta o mais novo para o terceiro caminho.

É impossível saber o caminho exacto. Eles próprios, por vergonha, haviam limpado o sangue que lhes indicava o percurso da mãe e agora não sabem por onde ir. Não há qualquer vestígio.

Depois de muito discutirem, cada um decide ir pelo seu caminho.

Quem encontrar a Mãe-Sem-Cabeça grita, combinam entre os três. Os outros, depois, irão aproximar-se do grito – e terminaremos todos juntos, disseram.

Assim acertado cada um arranca pelo seu caminho, a grande velocidade, a chamar pela mãe.

O mais velho grita.

O do meio grita.

O mais novo grita.

É o Filho-Mais-Velho quem encontra o corpo da mãe sem cabeça.

Ela apenas consegue murmurar: já perdi muito sangue.

Está a morrer.

O Filho-Mais-Velho levanta-se para gritar, mas no momento certo nada sai. Nem um som. Está mudo.

Ou então finge.

II

1. Mantém-te em pé – a Revolução
2. O grupo avança, cuidado!
3. A Mão-Direita-da-Mulher-Ruiva
4. Não é esta!
5. De novo, a Mão-Direita – e agora a sério!

A Revolução, o Homem-Mais-Alto, o Marido-da-Mulher-Ruiva,
a Mulher-Ruiva, os Setecentos-Degraus, a Mão-Direita-da-
-Mulher-Ruiva, a Bíblia, o Número-Treze, a Amiga-da-Mulher-
-Ruiva, a Velha-Mãe-da-Amiga-da-Mulher-Ruiva, a Mulher-
-Negra

1. Mantém-te em pé – a Revolução

Homens, mulheres e crianças avançam em linha recta desde o ponto de partida até ao destino.

Subitamente, de uma carroça saem inúmeros combatentes. É a Revolução, diz alguém.

O chefe é o mais alto dos homens e proclama:

«Quem tremer é culpado.»

Homens e mulheres percebem. Até as crianças percebem. Não podem tremer.

Mas que fizeram eles?

Homens, mulheres e crianças estão em linha recta, imóveis, entre o ponto de partida e o destino.

A Revolução é isto, sussurra alguém.

– O quê, o quê? – perguntam.

Concentrados, ali estão homens, mulheres e crianças segredando tudo o que podem segredar antes que os invasores se aproximem.

Quem tremer é culpado, diz o marido à mulher.

Quem tremer é culpado, diz a mulher ao seu filho mais velho.

– Por favor, não tremas – pede o irmão mais velho ao mais novo, que ainda não entende qualquer palavra.

Mas eis que os combatentes chegam ao ponto em que já conseguem ver a cor dos olhos de quem não pode tremer.

Todos os habitantes da cidade estão imóveis numa linha recta.

Como quem passa baldes de água de mão em mão para apagar um incêndio que avança numa das extremidades, homens, mulheres e crianças passaram já o aviso antes da aproximação dos combatentes.

O Homem-Mais-Alto avança sem armas acompanhado do homem mais baixo que avança com um machado.

Os dois destacam-se do resto dos combatentes.

– Queremos apanhar os traidores –, diz o Homem-Mais-Alto.

E eis que o primeiro ser vivo treme. As suas pernas saem da linha recta. É o marido. Pai dos dois filhos.

O Homem-Mais-Alto não sorri, o homem mais baixo mantém-se sereno.

O primeiro culpado avança.

Deve manter-se de pé. Eis o castigo.

Enquanto se mantivesse de pé a sua família não seria morta. Se dobrasse minimamente as pernas, a sua família seria de imediato assassinada. A mulher, os dois filhos.

O culpado ia começar a prova à frente de todos os seus amigos da cidade, mas a mulher interrompe-o. Sai da linha recta, pede para falar.

Pede ao Homem-Mais-Alto para trocar com o marido. O Homem-Mais-Alto aceita. O marido, primeiro, tem vergonha, porque todos olham para ele, mas depois aceita.

A sua mulher avança. Ocupa o lugar do culpado. Mantém-se imóvel durante alguns minutos, mas depois, estranhamente, as pernas fraquejam, cai. Resiste quinze minutos.

O marido e os filhos são assassinados.

A ela, que tomara o lugar do culpado, poupam-lhe a vida.